

FÓRUM DE CULTURA

ENTREVISTADA:	Queila Rodrigues
Localização da atividade:	Conj. Res. José Bonifácio
Área de Atuação:	Articulação de coletivos
Data da entrevista:	25/08/2020
Entrevistadores:	Ireldo Alves e Renata Eleutério – CPDOC Guaianás

BREVE DESCRIÇÃO

O Fórum de Cultura da ZL resulta da união de coletivos artísticos e militantes culturais da periferia da Zona Leste de São Paulo, que desenvolvem ações culturais na região e lutam por políticas públicas de cultura que atendam, efetivamente, as demandas da produção artístico-cultural plural e diversa presente nas periferias da cidade, garantindo o reconhecimento, valorização, fomento e potencialização destas ações, assim como o direito aos meios de produção, fruição e acesso.

Queila Rodrigues é poeta; brincante; bordadeira; fotógrafa; artista-educadora; e produtora cultural. Licenciada em História pela Universidade do Grande ABC (2010) e Mestranda em Estudos Culturais pela EACH/USP Leste (em atividade), onde pesquisa manifestações tradicionais populares lideradas por mulheres negras na periferia da Zona Leste de São Paulo. Desenvolve atividades nas áreas do Ensino de História; arte-educação; literaturas negras, indígenas e periféricas escritas por mulheres; artes manuais/visuais; e manifestações tradicionais chamadas populares, por meio das quais estuda e aborda questões de gênero, raça e classe. Tem textos e poesias publicadas entre livros, revistas e jornais. Atua em movimentos culturais periféricos desde 2009, foi uma das cofundadoras e integrantes da Rede Livre Leste e do Movimento Cultural das Periferias e também integrou, como pesquisadora, o CEP - Centro de Estudos Periféricos na UNIFESP Leste - Instituto das Cidades. Atualmente integra do Fórum de Cultura da Zona Leste e compõe alguns coletivos artísticos da região, dentre eles o Sarau O que dizem os Umbigos?! e o Grupo de Coco Semente Crioula. É idealizadora do Projeto de bordado, poesia e culturas populares Cabocla De Lança Estandartes Poéticos e também é Promotora Legal Popular, formada pela União de Mulheres de São Paulo.

ENTREVISTADA:

QUEILA RODRIGUES

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Queila Rodrigues: Meu nome é Queila Cristiane de Lima Rodrigues. É... artisticamente Queila Rodrigues, é como algumas pessoas me conhecem. Eu até esqueço o meu nome completo às vezes. É... tenho 35 anos, embora não pareça. Tenho 35 anos né, nasci em 1984 melhor ano para se nascer. As pessoas que nasceram em 84 são incríveis! Nasci em 84, nasci em Itaquaquecetuba, é, mas meus pais se separaram né quando eu tinha 3 anos. Meus pais se separaram não né, minha mãe se separou do meu pai né, graças a jah!

E aí nós, nós já morávamos em Suzano nessa época. Eu lembro de Itaquá, eu sei que eu nasci em Itaquá, mas não lembro de ter morado lá. Eu lembro de mim em Suzano morando com meus pais ainda, aí quando minha mãe se separa ela vem pra cá, pro Jardim Iguatemi e tipo ficou morando na casa da minha tia Dirce, um mês mais ou menos, mas não lembro. Até minha mãe conseguir arrumar um emprego, minha mãe é costureira né, sou filha e neta de costureiras; meus pais são pernambucanos de Garanhuns, Pernambuco. Então, eu já tenho essa primeira história de migração né, vem minha vó, volta, depois vêm meus pais e ai é isso!

Aí a gente vem pro Jardim Iguatemi quando minha mãe separa, e a partir de então viramos nômades na zona leste, né. Eu falo que somos nômades porque a gente morava de aluguel, então, era aquela coisa: vencia o aluguel ou o aluguel ficava caro e tinha que mudar de lugar, mudar de local. Então, eu morei em muitos lugares aqui na ZL.

Morei no Iguatemi; depois a gente foi pro Carrãozinho: depois a gente foi pra São Mateus; depois de São Mateus pra Itaquera, aqui pra Cohab Itaquera, perto do Parque Raul Seixas; depois de Itaquera voltamos para São Mateus novamente, acho que foi uma grande parte da minha vida foi em São Mateus. Aí depois, isso tudo morando de aluguel né, aí depois aquele momento que muitas pessoas na quebrada passam também que é comprar um apartamento na Cidade Tiradentes. E aí foi quando a gente comprou o apartamento lá, morei lá quase dez anos, minha mãe ainda mora lá, no mesmo lugar. E aí quando eu fui morar sozinha, eu fui morar no Tatuapé; e aí morei no Tatuapé um tempo e depois vim pra cá, estou aqui no Conjunto José Bonifácio né, fica meio, às vezes eu não sei se eu tô em Itaquera, ou se tô em Guaianases porque estou bem perto de Guaianases, mas o Jardim Helena exatamente onde eu tô pertence a José Bonifácio, pertence à Subprefeitura de Itaquera. Essas relações territoriais, geográficas loucas, então eu sou meio nômade aqui na ZL.

É... Tem o antes do Fórum né. Em 2004 eu comecei a fazer o teatro vocacional, que é uma política pública municipal, foi bem importante na época pros jovens, principalmente, né, foi bem na época da consolidação dos CEUS também, e aí dentro dos CEUS tinha ações culturais e uma delas era formação. Eu fazia teatro na igreja, né, e aí meu coletivo da igreja tava querendo estudar mais porque na igreja era sempre aquelas peças de natal e pascoa, né, e a gente queria fazer alguma coisa mais interessante e alguém descobriu que o CEU São Mateus tava rolando o curso de teatro e foi todo o grupo da igreja para fazer esse curso. E aí foi muito louco porque todo mundo da igreja acabou saindo do curso aos poucos e eu acabei saindo da igreja, e aí foi quando comecei a fazer teatro com a galera. E aí durante o vocacional, como muitos coletivos, a gente formou um grupo, foi o meu primeiro coletivo – a Companhia do “Outro Eu” – que é de São Mateus, embora ficasse ali no Jardim da Conquista e o CEU São Mateus no Parque Boa Esperança, né, enfim, São Mateus.

É... A gente passou a, a gente tinha o interesse de fazer teatro para que as pessoas que a gente conhece visse, né, porque embora o CEU tivesse lá disponível e acessível, ainda não era algo que as pessoas tinham intimidade assim, levou um tempo para entenderem que o CEU era público, que não precisava pagar, que o espaço era delas, né, então, às vezes a gente fazia uma peça no teatro tinha pouquíssimas pessoas. E a gente falou “pô, a gente poderia fazer do lado de fora né?”. E a gente começou a fazer na praça, na rua da casa de gente que morava ali e tal. E aí as pessoas do entorno assistiam e a gente achava um máximo. E aí nisso a gente descobriu que existe uma linguagem chamada “teatro de rua”. É que a gente foi para a rua não porque a gente queria teatro de rua, a gente foi porque a gente queria público, né, queria que as pessoas nos vissem ali, da nossa comunidade fazendo o que a gente fazia e achava importante.

E aí depois a gente descobriu que existia uma linguagem que tratava disso, que era o teatro de rua, e a gente passou a pesquisar o teatro de rua e se consolidar como um grupo de teatro de rua. Nesse período, também foi o período dos “VAI’s”, né. E a gente acessou, soube, né, que tinha uma política pública chamada VAI que era para jovens e iniciantes e tal, e a gente mandou uns dois “VAI’s” e não passou, no terceiro VAI a gente passou e começou a desenvolver um projeto que chamava “Fazem asas no sertão”, a gente fez o espetáculo. Depois, a gente passou no segundo VAI e a gente passou a fazer teatro de grupos. A gente tava muito interessado nessa coisa de teatro de grupos, na horizontalidade das relações, etc. E nessa do teatro de grupo a gente pensou: “pô, a gente poderia convidar outros grupos, né, pra trocar”, a ideia era meio essa assim. E aí a gente começou a conhecer os grupos. Então, a gente conheceu o pessoal do “Pombas Urbanas” e lá tinha “Os Filhos da Dita” na época, agora são “Filhas da Dita”, né, mas

eram “Filhos da Dita” na época, era um grupo jovem como a gente. Aí a gente conheceu o pessoal do “Balaio” (*Grupo Mentecorpos do Balaio*), lá em Ermelino; conheceu o pessoal da “Trupe Arrua Circo”, do Itaim Paulista; e conheceu o pessoal do “Trapus” (*Cia Dia Trapus Artes*) que era um grupo do centro, mas que tinha também uma pegada parecida com a nossa assim.

E aí foi meio que isso, esses grupos também estavam com VAI’s, eu acho que foi via VAI que a gente acabou se encontrando naquelas reuniões do VAI, fazendo amizade e tal. Aí um começou a participar da ação do outro, né. Uma apresentação, uma formação, enfim. E desses encontros a gente conversava muito e trocava muitas ideias, e a gente passou a perceber então, né, das semelhanças e das desigualdades semelhantes que a gente tinha né, e das perspectivas que a gente tinha também quanto coletivos que na época, né, erámos coletivos jovens, né. Eu lembro que falava com o Leandro: “é Leandro, um dia que a gente vai fazer política pública pra terceira idade, né. Hoje nós somos jovens, né, mas agora já está chegando esse momento” (risos). E a partir desses encontros dos grupos de teatro, principalmente de teatro e circo, a gente criou a nossa primeira organização que foi “A Rede Livre Leste”, e aí foi um espaço muito importante assim, porque foi onde eu comecei a entender a existência de políticas públicas ou a necessidade, né, da existência de políticas públicas. Foi quando a gente começou a pautar politicas publicas pra jovens artistas periféricos. E aí a rede teve um tempo de ações, enfim, já circulava porque como cada grupo era de um território a gente acabava circulando. É... e aí depois na própria rede a gente escreveu um VAI também pra desenvolver algumas ações e chamava nossa “Teoria é a prática”, projeto da Rede Livre Leste.

Renata CPDOC: que ano **Queila** isso? Tanto do VAI que vocês pegaram lá, tanto desses encontros?

Queila Rodrigues FCZL: olha, os VAI’s da Companhia do Outro Eu, acho que era 2008 e 2009; e o VAI da Rede, se não estou enganada, 2010. Porque é isso, né, eu comecei a fazer teatro em 2004 e 2006 a gente forma o grupo. Até porque em 2004 tinha uma puta ação cultural acontecendo no CEU mesmo, lá no CEU São Mateus a gente teve uma puta sorte, porque os gestores culturais eram incríveis assim, eles realmente abriam espaços para a gente. Eu lembro da Marcia Salgado, não sei se você conhece a Marcia Salgado? Muito louca! Ela falava assim pra gente: “eu quero que vocês abram as gavetas e mexam nos armários, porque um dia eu não vou estar aqui e vocês estarão”. E aí no ano seguinte mudou o governo e o vocacional durou três meses e aí o CEU... Foi quando começou o processo de sucateamento. E aí nesse momento

a gente já tinha muito conhecimento do espaço e do direito que a gente tinha ali e a função também dessas relações, né. E realmente aí a gente começou a ter as tretas né, pra usar o espaço que era o quê? Era usar uma sala, ensaiar por três horas, pra usar um rádio, sabe? Então, a gente começou a ter muita noção assim também do que é o espaço público, né, de como ter o espaço público livre, de como ter o espaço público privado, porque as pessoas trabalham nesses espaços e estão preparadas. Então, a gente foi lidando com a realidade, né.

E aí quando a gente encontrou com esses outros grupos que se forma a Rede Livre Leste, a gente também se depara que eles vivem a mesmas coisas nos seus territórios com algumas diferenças. E aí a gente percebe quanto era importante se fortalecer enquanto coletividades, né. E aí foi muito legal, porque a gente viu coisas muito legais enquanto amigos, enquanto parceiro de trabalho, o próprio reconhecimento como artistas, né, é muito difícil até hoje assim, até hoje muitas vezes eu tenho dificuldade para me nomear ou autonomear de alguma coisa que eu faço. Às vezes eu vejo pessoas assim tipo, que num pegaram a câmera primeiro dia, já falaram com o fotógrafo que é, e às vezes a gente faz isso há anos e fica “será que eu ponho no meu currículo, será que eu sou uma fraude será?” E não é uma questão minha, né, da minha terapia, é uma questão coletiva, quando você conversa com artista periférico, né, porque é assim que a gente é tratado, né.

Então, quando a gente não passa pelo processo de se olhar e de se re-olhar rotinamente, a gente acaba internalizando essas coisas, né. Então a Rede serviu muito para isso também, pra que a gente criar essa autonomia e também se nomear enquanto artista jovem e periférico que tinha direito a acessar a política, né, publica dos espaços, enfim, e ser reconhecido como tal. E aí a Rede tem esse momento, esse ápice do projeto que foi bem legal também, mas a vida é muito louca na periferia, né. Então, se a gente olhar um pouco a história dos movimentos de cultura tem esses... essas ondas, né. Nasce, vai, vai, vai, realiza mil coisas e daqui a pouco dá uma baixa e assim segue, e aconteceu, logo depois que acabou o projeto a gente estava muito esgotado.

Os coletivos individualmente estavam tendo algumas questões também, gente que engravidou, gente que saiu, gente que vai morar em outro lugar. Eu lembro que do meu coletivo saíram três pessoas por que assim, questão de sobrevivência né, foram se sustentar. Nós erámos em seis e ficamos em três. E aí você vai também se reorganizando. E nesse fluxo também a Rede dá uma pausa, por um tempo, mas a gente mantém os contatos, né. Foi o que eu falei lá fora: o Fórum às vezes não necessariamente ele tá realizando uma ação prática, né. As relações cotidianas fazem com que aquela organização se mantenha vida, né. Com a Rede foi bem isso que

aconteceu também. E aí em 2013... Aí eu lembro que nesse período o meu coletivo também se sossegou, a gente permaneceu um tempo com três pessoas, depois começou o lance das universidades, eu lembro que eu foi a primeira a entrar na universidade, bolsista do PROUNI pá, pá, pá. Me formei em História, aí depois o Rafa entrou em Filosofia, e o Nilson entrou no... Como é aquele financiamento que você que...

Rodrigo CPDOC: FIES!

Queila Rodrigues FCZL: FIES, né! Aí acabou, porque o Nilson tinha que trabalhar e em fim de semana ficar na escola da família e que horas que a gente ensaiava? Realmente, se tornou inviável e a gente deu um tempo no grupo também. E nesse momento o pessoal dos “Umbigos” (Sarau: *O que dizem os Umbigos?*) da Samara (Samara Oliveira), eles já faziam sarau nesse meio tempo. Eu lembro das reuniões do Fórum, do Fórum não, da Rede Livre Leste, o Dani (Daniel Marques) e a Samara sempre convidava a gente pro sarau e tal. A gente chegou a se apresentar como Companhia do Outro Eu, ainda nos Umbigos na época. E quando terminou meu coletivo, era uma época que eu estava convivendo muito com o Dani e com a Samara, e aí eles chamaram e disseram: “ah, você podia organizar o sarau com a gente”, tipo o sarau tinha dois anos. Aí eu “ah, não, estou de saco cheio de coletivo, não sei o quê e tal, tal, tal”. E aí, só que aí o tempo foi passando, eu ia no sarau, outro dia eu ia arrumando as cadeiras, outro dia ajudando a pegar o estandarte, outro dia eu estava recebendo as pessoas, falando onde era o banheiro, e daqui há pouco eu estava na organização, né. Aí com o sarau também a gente escreveu os VAI’s da vida, também acessou, publicamos uma antologia, gravamos um CD, porque o sarau também tinha uma característica de... como a gente vinha do teatro, o nosso sarau ele não era só literário, né. Tinha apresentação musical, tinha apresentação teatral, o Dani e a Samara... O Dani e a Jô, principalmente, que eram das culturas populares, então, a gente já trabalhava com essas tradições nos saraus. Era um caldeirão assim! E aí é isso né, todo mundo foi tocando a vida, fazendo outras coisas se reorganizando em outros grupos, alguns grupos conseguiram se manter como eram, e aí em 2013, eu lembro começam os diálogos em SP que eu comentei, e aí a gente fala mano, qual que é a desses diálogos aí né? A gente precisa se articular, se rearticular e ver como estão rolando as coisas, a quebrada tá em polvorosa, mas também está carente de várias coisas, né.

Enfim, e aí a gente começa... Nós nunca perdemos o contato, né, mas a gente pensa e falamos assim “de novamente se rearticular, né, como organização e pensar em várias situações né e tal”. E aí eu lembro que a gente chama uma reunião lá onde era o espaço do Balaio, lá em

Ermelino Matarazzo, lá na acho que Miguel Rachid. Que era um dos espaços que a gente se reunia como Rede. E aí nessa reunião colaram outras coletividades, acho que a Emancipa, Clube da ZL. E nesse mesmo momento os Guaianás também tava fazendo uma reunião aqui em Guaianases né, também pensando a mesma coisa, poxa, retomamos as articulações, tinha uma questão da Casa de Cultura de Guaianases que também tava fechada que já era uma luta antiga também. Em Ermelino a casa de cultura é mais de 20 anos também de espera. No livro, o pessoal de Ermelino, é bem legal que eles contam os movimentos anteriores né, que já faziam essa luta, né, enfim. E aí em 2013 a gente se reúne, a princípio separadamente, depois aí alguém de uma reunião ou de outra fica sabendo que tava rolando reunião simultânea e fala: “porque a gente num... todo mundo da Zona Leste, porque que a gente não faz essa reunião única, né?”. E a gente marca uma reunião conjunta pra discutir mesmo quais são as demandas, quais são as dificuldades, os confrontos, as perspectivas, né. E aí a gente percebe novamente, né, que muita coisa que é muito parecida em termos de escassez de política pública, não só na cultura, como na moradia, no transporte, na mobilidade né. Que tudo tá atrelado né. Pra você ir até um lugar pra fazer um sarau você pega um ônibus, né, pra você circular a cidade passa por tudo. E aí a gente começou a fazer essas reuniões, né, a princípio para se organizar pra pautar as questões periféricas no diálogo SP e aí a gente percebe uma potência, né, de se reorganizar novamente assim, né, como cada organização ali já tinha feito anteriormente, né.

O Fórum ele é formado também por coletivos, mas ele nasce muito da junção de outros movimentos que já existiam antes, né, que foram esses que eu citei e outros que talvez eu esteja deixando passar aqui. E aí dentro desses encontros a gente começa a pensar que a gente poderia se tornar uma organização e começa a pensar: “pô, mais um movimento, Fórum, né”. A gente não sabe como nomear ainda e a gente decide por Fórum, não me lembro por que, é uma informação bem importante, mas eu não lembro. E nessa de se organizar como Fórum a gente começa a pensar também numa organização desse Fórum passa a existir com essas coletividades e movimentos. Aí eu me lembro que a gente se dividiu em três frentes, né, em três GT's: que era o GT de Formação, o GT de Políticas Públicas e o GT de Ações Culturais. Então, cada GT tinha uma quantidade de pessoas que eram responsáveis de pensar ações pro Fórum a partir desses três pontos, né. Eu lembro que fiquei no de Ações Culturais. Aí eu lembro, aí eu acho que a primeira ação que a gente fez enquanto Fórum já foi... Tava perto da conferência municipal de cultura, 3ª Conferência Municipal de Cultura. Então, uma das nossas demandas era levantar pautas, né, comuns pra levar pra conferência, porque essa conferência previa planos para os próximos dez anos né, e aí era importante que a periferia se posicionasse enquanto

coletivos culturais. E a gente pensou pra levar pautas potentes pra conferência e com força, seria legal a gente fazer um seminário, né, pra agregar o máximo de periféricos possíveis de coletivos pra gente conseguir mesmo ter um panorama maior possível das necessidades, né, de todo mundo. E aí a gente, no GT de Políticas Públicas criou e organizou o primeiro Fórum de Políticas Públicas para a Periferia.

Renata CPDOC: Criou o primeiro seminário?

Queila Rodrigues FCZL: Criou o primeiro Seminário de Políticas Públicas para a Periferia. Eu falei Fórum né?

Renata CPDOC: Foi!

Queila Rodrigues FCZL: Que criou o primeiro Seminário de Política Públicas para a Periferia que aconteceu lá no CDC Vento Leste. É... A gente chegou a receber o secretario de cultura nos dias do Fórum, do Fórum, olha gente, do Seminário. E nesse seminário a gente já falou da lei, da ideia da Lei de Fomento a Periferia. Às vezes as pessoas pensam que o Fórum é somente a Lei de Fomento a Periferia, não. Essa pauta ganhou muita visibilidade porque ela se tornou o carro chefe, foi uma luta muito grande pra aprovação da lei: foram três anos, né. A gente começa a discutir a lei em 2013 e passa escrevendo aí, né, debatendo e escrevendo esses três anos, circulando a cidade, aí vai chegar no movimento também, que eu vou falar daqui há pouco. Mas também tinha outras questões que também eram muito importantes dentro do Fórum né, como a pauta do orçamento da cidade, até porque se a gente não tivesse orçamento como a gente ia pautar uma lei, né, de fomento a periferia; de pautar a gestão das casas de cultura, né, uma das pautas era devolução das casas de cultura para a secretaria da cultura, porque elas estavam sendo geridas por coronéis dos bairros, né, a gestão era muito complicada e isso implicava diretamente nas ações culturais dos grupos, né. A gente pautava também o quadro de funcionários, né, porque às vezes era pessoas que estavam totalmente despreparadas para lidar com cultura né, e num tinham relação nenhuma com cultura e muitas vezes estavam realocadas ali por algum motivo qualquer, né. Os equipamentos, então, quer dizer que você ia se apresentar num lugar, mas não tinha um microfone pra você cantar, não tinha caixa de som, não tinha né, porque uma coisa é a gente fazer uma coisa aqui na Coragem (Okupação Coragem) aí eu trago minha câmera, o outro traz a caixa de som, o outro traz a iluminação. Outra coisa é você fazer num equipamento público, tem recurso público e que deve ser subsidiado por isso. Então, a questão do orçamento era fundamental para pensar todas essas relações e outras pautas, né.

Acho que o reconhecimento dos artistas periféricos como artistas também e a questão também da desigualdade orçamentaria, né, pra políticas públicas para as periferias. A gente tinha até algumas políticas já públicas municipais, mas que não atendiam a quebrada assim, né, o que tinha na quebrada era o VAI, mas o VAI era muito escasso, né, inclusiva o VAI 2 fez parte das nossas pautas, né. O VAI é um projeto realmente para iniciantes, né, é para você poder aprender a gerir recurso, gerir projeto, mas ele não prevê continuidade né. Os grupos acabavam ficando muito sem “eira nem beira” e muitas vezes não conseguiram se manter por isso. Então, a gente pensava numa política pública efetiva, né, que pudesse assim manter os grupos e suas ações continuadas por um tempo.

Enfim, e aí dentro do seminário a gente levanta todas essas pautas, eu lembro que a gente fez um painel assim de Kraft, né, que a gente chamada de “muro das lamentações”, que lá todo mundo ia e colava qual era a sua questão que estava pendente ali no território, né. Então, tinha muitas coisas que apareceram repetitivas, tinha muitas coisas isoladas e tal. E a gente pegou tudo isso e reuniu num documento que foi o que a gente usou como referência tanto pra apresentar pro secretario, que era o Juca Ferreira na época, como também pra levar pra conferência municipal de cultura.

A conferência era um momento extremamente importante pro Fórum, por quê? A gente chega extremamente organizado lá, né. A gente chegou com pautas, com pautas muito precisas, uma delas era do fomento que era uma ideia, o fomento era uma ideia, a gente não sabia exatamente o quê era o fomento, mas a gente defendia ele assim como se ele existisse e pronto, como se tudo estivesse resolvido. Porque o que a gente sabia era que a gente precisava de um fomento, como ele ia ser, a gente ia construir, aí era o de menos. E aí eu lembro que a gente ia pra conferência com essas pautas e lá tinha os GT's também. Ah, uma coisa importante que eu não falei: quando a gente criou os GT's no Fórum, eu falei que tinha o de Políticas Públicas que criou o seminário, paralelamente também tinha o de Formação e o de Ações Culturais. O de Formação a gente fez uma ação muito importante também no Centro Cultura da Penha, que foi uma formação sobre o sujeito periférico com o Tiarajú. Na época eu não lembro se o Tiarajú estava terminando a tese ou se tinha acabado de terminar, e pra gente era muito importante discutir esse conceito de periferia também, o que todo mundo entendia por periferia, como que a gente pensava isso coletivamente, né, que eram tantas reflexões. Então, essa parte da formação também foi importante pra gente, inclusive pra gente organizar as pautas e no GT de Ação Cultural a gente organizou a Primeira Mostra Cultural das Periferias pela Lei de Fomento a Periferia. Essa mostra ela já tinha um tema que era a luta pela lei e nessa mostra a gente não fez

nada além de organizar uma agenda única das ações que já aconteciam na cidade, na Zona Leste, no caso né.

Então, a gente reuniu todas as ações dos coletivos, acho que era um movimento legal pra ver, você consegue ter um panorama dos coletivos que tavam atuando naquele momento, né. Criou uma agenda única e divulgo como mostra e circulou né, se comprometeu a se apresentar e se fortalecer nessas ações. Então, tudo isso foi construído nesse processo e foi importante para pautar depois a lei, né. Enfim, pra dizer “olha, existimos, somos muitos, somos plurais”, porque o que a gente entendia de política pública era contemplar uma linguagem específica, né, em cada edital, e o que a gente pretendia era criar um edital que contemplasse a pluralidade, né, que é a periferia, como a literatura, até a música, o teatro também, o rock, todas as linguagens, né, a culinária, as tradições populares né. Então, tinha muito disso né.

Aí voltando pra conferência, lá também tinha o GT's então a gente se dividiu, o Fórum participou de todos os GT's, tinha alguém do Fórum em cada GT's e em todos os GT's a gente apresentou a lei de fomento. E quando foi feita a votação final, né, foi muito louco porque tinham outros coletivos de quebradas lá, de outras regiões, e que votaram a lei de fomento com a gente sim também, a lei que ainda não existia, mas a ideia da lei, né, ela era muito importante também para as outras regiões. Então, a galera percebeu que então mano a gente vai assumir isso daí também junto, né. E aí foi muito louco porque todos os GTs foi um dos itens mais votados né, ele foi aprovado em todos os GT's. E quando teve a contagem final ela fica em segundo lugar, em primeiro lugar foi a questão do quadro dos funcionários, por diferença de cinco votos, mas ela aparece quatro vezes na lista geral assim, então, pela lista geral ela acaba sendo a mais votada, né. Então, realmente isso não significa “ó, que legal, essa foi mais votada”, mas significa que meu “olha, realmente é uma necessidade que a gente precisa olhar e tá faltando alguma coisa aí, né”. E esse momento ele é importante porque além de evidenciar isso, essa ausência de política, essa presença de ação cultural pelos periféricos, pela ação dos periféricos, também é o momento que a gente começa a se articular com as outras regiões. Então, tinha uma galera do sul, uma galera do noroeste que comprou a ideia e a partir dali a gente “mano, a gente precisa fazer alguma coisa junto né. A gente precisa se reunir trocar essas ideias e tal”, e aí nasce o embrião do Movimento Cultural das Periferias, a partir desse encontro aí da conferência.

Que aí a gente tem as reuniões regionais do Fórum que a gente chama de encontrão: tinha encontro, encontrão, encontro ZL, né, agora nem sei em que número que tá, porque a gente foi

numerando um, dois, três, quatro. Mas lá no face dá pra ver. Então, esses encontros serviam pra gente articular a região e aí tinha a reunião do movimento, né, cultural das periferias. Aí leva um tempo pra se tornar movimento, pra ganhar esse nome, né. E aí a gente se organiza enquanto movimento, cada região mantem os seus encontros regionais, né, e no movimento a gente junta essas pautas pra discutir coletivamente e ganhar força como periferias da cidade, né, como territórios periféricos assim. Então, é nesse processo que a gente chega na lei. Temos uma ideia, temos um objetivo comum, temos uma força, né, que não é só da Zona Leste, agora é da cidade. É como que a gente faz. E a gente começou, a gente criou um GT também pra escrita da lei que é um processo bem, né, complicado, você participou (Renata CPDOC), né, dos encontros.

Que realmente é entender como se escreve uma lei, o quê pode, o quê não pode. O que dizem que não pode, mas pode. Então, também a estratégia, né, a estratégia é uma ferramenta herdada dos quilombos, né, das comunidades indígenas pra sobrevivência né, então, na periferia também é uma herança que a gente tem, é uma estratégia, né. Então, não basta a gente pensar num objetivo x, a gente tem que ter estratégia também porque o boicote pode vir de todos os lados né. A memória, eu lembro uma vez que a gente fez um ato que lá acho que foi na praça das artes, que era ler uma carta pra falar dos fóruns de cultura porque já estava muito tempo enrolando pro prefeito receber a gente na época e tal, pra resolver essa questão que era bem simples, a nosso ver. E aí eu lembro que a gente escreveu essa carta assim num manifesto, né, “Chega de frouxura, queremos mais cultura”, né. E aí teve um... Foi um babado, porque a gente foi chamado pra uma reunião, “como assim usar frouxura” né, o secretario se sentiu super ofendido, né.

E aí era isso, né, a gente tinha que lidar com essas contextualidades assim, que eram muito pequenas mediante as pautas que a gente tinha né. Então a estratégia vinha pra isso também, pra lidar com essas questões orçamentarias, né, pra lidar com as questões burocráticas, que a gente tinha que estar sempre um passo à frente, porque se não a gente ia ser boicotado de alguma forma, ou talvez não boicotado, mas assim deixado pra depois, e aí depois passa muito tempo, né, passaram-se quinhentos anos aí, pelo menos, do que a gente tem de registro.

Bom, dentro das estratégias, né, da estratégia, a gente se dividia. Então, cada um ali tinha uma habilidade né, e tal, então a gente se divida pra estar em vários espaços ao mesmo tempo. Então, o que estivesse acontecendo em termos de ação da secretaria, do prefeito, do secretário de cultura, a gente tava lá, pelo menos um de nós tava lá. Isso começou aqui na Zona Leste, eu

lembro que eu acho que a primeira reunião que a gente foi assim aberta foi lá na igreja do Padre Ticão, porque ia ter um... Foi divulgado que o secretario de cultura estaria lá pra ouvir a comunidade periférica e tal. E lá vai nós lá na primeira reunião, cheio de pautas. E quando a gente chega e primeira porta na cara, né, porque o cara não foi, teve algum compromisso aí foi o secretário adjunto, né, enfim, a gente fez algumas falas ali, foi o primeiro momento em que a gente se colocou como Fórum de Cultura da Zona Leste, publicamente, que eu tenho lembrança. E a partir daí, então, todas as ações que a gente sabia – organizados pela gente ou não – a gente dava um jeito de pelo menos ter um de nós lá falar “oi, eu sou do Fórum de Cultura da Zona Leste, estamos discutindo tal coisa, tal coisa e tal coisa”.

A identidade visual ela é muito importante também dentro desses processos. Eu lembro que a gente começou a fazer as camisetas também, justamente pra chegar e saberem que estávamos lá porque a ideia não era ir lá escondido, mas mostrar realmente a articulação que tava acontecendo, né, e a quantidade de pessoas que tavam envolvidas assim, de coletivos né. Porque quando eu tava lá eu não tava de Queila, eu tava de sarau, né, eu tava de Fórum. Cada pessoa do Fórum era de um ou dois coletivos ou mais né. Então, vai se tornando uma articulação ampliada mesmo. Aí tinha os diálogos que a gente ia também, né, que era uma questão que existia também muito diálogo, mas assim, com pouca escuta, né, a gente mais ouvia do que tinha espaço para falar.

Eu acho que um dos elementos mais... tem dois assim, um acho que um foi bom e o outro foi complicado, Vou começar pelo complicado e depois trago as boas novas. O complicado foi com relação às casas de cultura, a gente tinha uma questão como já falei muito difícil de lidar nos espaços né, com os vários públicos na as casas de cultura, sem dizer que o Centro de Formação de Cultura da Cidade Tiradentes existe desde antes enquanto arquitetura, mas enquanto atividade cultural tinham poucas pessoas trabalhando lá sem nenhum tipo de recurso, né, pra fazer programação, pra realmente receber a comunidade, na Cidade Tiradentes né, tem muita gente ali pra ocupar aquele espaço né. E aí a gente começou a fazer algumas ações que era para as devoluções das casas de cultura para a secretaria da cultura, para que essas casas pudessem ter realmente uma gestão com as pessoas da cultura e não donos de, sei lá, empresários da quebrada, né, ou políticos partidos x com interesses pessoais. E sempre onde o prefeito tava a gente ia, sempre! Reuniões, eventos, tudo mais. E a gente sempre arrumava um espacinho no microfone e falava “olha, eu sou do Fórum e estamos aqui para falar das casas de cultura pá, pá, pá, pá”.

Durante um bom tempo – isso até li no dossiê –, que a gente fez um dossiê também! (risos) Durante um tempo a gente teve a promessa que o prefeito receberia a gente, porque o secretário não podia resolver, tinha que ser pelo executivo e ele não podia resolver e aí “não, porque o prefeito não podia receber”. E aí eu lembro que uma vez a gente foi numa inauguração de uma creche, acho que no Itaim Paulista se não estou enganada, eu lembro do **Andro**, a gente foi como saraú “O que dizem os Umbigos?”, tava eu e o Dani. Lembro do Ciríaco, lembro do Gustavo lá de Ermelino também lá nessa reunião. Nessa época a gente, enfim, tava pautando as casas de cultura, tava pautando também o Centro de Formação e Cultura da Cidade Tiradentes, né, e aí como ele não recebia a gente nunca, a gente começou a ir atrás mesmo. Então, assim, qualquer que tinha a gente tava lá. Na verdade, pra constranger mesmo, assim, né, e às vezes as pessoas falavam assim: “nossa, mas vocês estão constrangendo”, e a gente falava: “mano, foi isso mesmo que a gente veio fazer aqui”. Era muito mais simples falar “olha tal dia vamos receber representantes do Fórum”, né, articuladores que a gente se chama, né, não representantes, mas articuladores do Fórum e tal.

Fomos fazer uma reunião para tratar de um assunto, mas como isso era sempre postergado a gente usou da estratégia do constrangimento, até indo em vários lugares, até o dia em que a gente foi nesse dia no palácio, no palácio, na praça das artes, que era um evento de inauguração de alguma coisa digital, alguma coisa assim, e a gente ia ler o manifesto nesse dia, né, que está até no nosso livro se não estou enganada, esse manifesto tomou, talvez não. Tá no livro? Enfim, a gente foi ler o manifesto, só que vazou a informação de que o Fórum estaria no evento a noite para o manifesto. E esse evento era muito importante para a Secretaria de Cultura, porque ia dar visibilidade não sei pra quem, não sei pra quem, mas a nossa função enquanto movimento não é se preocupar, né, com a visibilidade que a prefeitura quer ter com os interesses dela. Então a gente passou o dia inteiro recebendo ligações: “olha não façam isso, porque meu não é o momento. Vocês estão certos em relação ao que vocês estão pautando, mas veja o que vocês estão criando, esse é outro...” E isso foi o pior, né, porque aí a gente falou “não, agora que a gente vai mesmo”. Eu parei de atender o telefone assim, porque... pra convencer de não ir. E pior quando a gente chegou lá, as pessoas iam no nosso ouvido assim, eu lembro que eu tava em pé na xerox e as pessoas vinham “gente, vocês pensaram bem no que vocês vão fazer?”. Porque eles não podiam botar a gente pra fora, um evento público, né, não podia tirar a gente dali a força. Então, a maneira era convencer até o último minuto. Aí a gente sobe no palco, eu lembro que foi eu e o Fernando Ferrari, a gente subiu no palco e leu o manifesto, né, foi o tal do manifesto da frouxura. E aí depois disso ele resolveu nos receber.

E aí depois teve o outro evento, que eu acho que já tinha... ia ser a assinatura das transferências das casas de cultura, pra Secretaria de Cultura, que aí realmente a gente conseguiu *check*, essa pauta né, e foi também na praça das artes no evento aberto. E a gente queria falar nesse evento, mas nós soubemos que não íamos ter fala, e falamos “não, como assim não vamos ter fala, uma pauta que foi tocada pelo Fórum, a gente podia ter uma fala, né”, porque a gente ia falar sobre isso e aproveitar para falar sobre outras coisas, porque era só uma potinha que tinha sido resolvida entre aspas, né, não é só mudar, têm várias outras questões. E aí “não, não vai falar, não vai ter fala, não vai ter fala”. E falou “não vou, né, depois dizem que a gente é mal educado, vamos ter que subir de novo e falar”. Porque tinha sido logo depois desse evento, né. Então, assim, eles tavam putos com o Fórum, com a maneira como a gente abordava e não era uma maneira que a gente fazia de propósito, era um maneira de conseguir ser ouvido, porque se não a gente não era ouvido, né. Por mais que nesse momento o governo, ainda era um governo que tinha relação com as nossas pautas, a periferia tava de escanteio, né, não era tratada com deveria né. Então isso acontecia muito assim.

Agora do fomento, era muito mais no sentido de vamos aprovar a lei, vamo aprovar, tem essa lei que precisa aprovar, precisa aprovar. Então, a gente também aparecia em todos os lugares, né, sempre em qualquer reunião que ia falar do parafuso tem que trocar, e não sei o quê, aí já era o Movimento Cultural das Periferias. A gente tinham as camisetas também pela Lei de Fomento a Periferia. E aí era isso, tomou uma proporção de que não era só quando ele vinha na leste, não era só o Fórum de Cultura da Zona Leste, qualquer lugar que ele fosse na cidade tinha pelo menos uma pessoa dizendo “oi, eu sou do Movimento Cultural das Periferias, nós temos uma proposta de lei tal, tal, tal”. E assim a gente criou a possibilidade de realmente conversar, né, sobre isso.

Bom, enfim né, três anos depois a gente consegue aprovar com muitas custas a lei porque até nos últimos minutos do segundo tempo, e você (Renata CPDOC) estava na reunião, né, a secretaria quando começa a dialogar “tá bom, vamos fazer essa lei aí que vocês querem”, mas tinha uma pergunta que era muito crucial assim: “qual é a diferença do Fomento pro VAI?” Tipo mano é meio obvio, né, se você pensar numa política estruturante com previsão orçamentária própria pra dois anos, prevendo a continuidade das ações culturais e se você pegar o VAI, que é uma política super interessante, mas é muito mais restrita em termos de alcance, em termos de continuidade, enfim. Mas a gente tinha que ficar respondendo muito essa pergunta.

E uma coisa que é bem importante de se dizer é que a secretaria não queria fazer a Lei de Fomento a Cultura das Periferias, não via a necessidade porque a gente tinha os VAI's. Então, hoje em dia se existe um discurso, né, das pessoas de que “ah, que legal foi aprovado num sei o quê”, mas foi muito difícil pro movimento convencer de que o Fomento era importante e que era diferente das políticas que existiam. Foi muito difícil, muito difícil mesmo. Então, eu acho até interessante hoje as pessoas falando com carinho do Fomento, algumas pessoas né, algumas concorrendo ao fomento, engracado tudo mais. Mas eu lembro que na época assim foi bem difícil pra convencer de que era importante viu. Enfim, aprovado o Fomento que quase não aprova, se a gente não tivesse aprovado naquele ano, que queriam deixar para o ano seguinte sonhando que as eleições estavam ganhas, né, a gente não teria o fomento hoje, então foi muito importante bater o pé, bater na mesa, bater boca, bater perna, né, pra que a lei fosse aprovada. É uma lei que não é revolução, às vezes as pessoas acham que a gente é inocente também, “ah, aprovaram o fomento, então agora...”, não mano, a gente tem consciência de que é uma política, tipo num território gigante que são as periferias, né, e que todo ano muitos grupos concorrem, grupos incríveis e nem todos acessam, porque o recurso ainda é pequeno, né. Então, é importante dizer que a gente precisa continuar pautando o orçamento da cidade, porque não é só fazer a lei, né, é tipo criar um filho, você cria um filho você compra fralda, da mamadeira, bota na escola, né, enfim, educar, então, é isso: a lei tá aí, mas ela é frágil como qualquer outra política pra quebrada né, a gente precisa manter ela se retroalimentando. Então, continuar pensando o orçamento é bastante importante.

Enfim, colocada todas essas questões a gente tem a consciência de que é só uma política pública no meio de um cenário que carece de muitas políticas não só pra cultura, mas pra cultura também. É quando a gente consegue aprovar a lei é festa, né gente, é festa, o Fórum também sempre gostou de festas, né, muitas reuniões é pra confraternizar, né, a nossa parceria, né, enfim, os nossos processos. Acho que é importante a gente estar sempre na luta, de olho aberto, mas também não perder a ternura, né. Porque se não é muito doido né, é muita porrada assim do cotidiano em vários sentidos, mas é importante também a gente celebrar as nossas pequenas conquistas pra gente perceber que tá avançando, né. Porque senão a gente definha.

E aí, aprovada a lei... É uma conquista popular, né, significa que a organização coletiva ela pode trazer resultados, né, ela pode trazer... ela pode olhar pra si própria, né. A periferia olhando pra periferia, tanto que a lei ela tem questões muito específicas que nenhuma outra lei municipal tem, né, como a divisão em áreas, por exemplo, né, porque também discute transferência de renda, né. A gente pensa na lei não só como fomento, mas a gente discutiu muito a centralização

dos equipamentos públicos no centro, existem mapas. A gente aprendeu muito construindo essa lei, a gente aprendeu muito geografia, né, a gente aprendeu muito matemática, a gente aprendeu muita coisa. Porque o Fórum também é constituído por todas essas pessoas de várias áreas, de vários saberes, não necessariamente acadêmicos, acadêmicos também, e a mistura de tudo isso, que também o que compõe a periferia, que acompanha a quebrada, é o que fez que a nossa organização fosse muito potente naquele momento e conseguisse *check*, de novo.

E uma outra pauta, né, que faz muitos outros coletivos hoje, inclusive o coletivo que eu faço parte que é o Grupo Semente Crioula, esteja desenvolvendo projeto no território, com artistas do território, com profissionais técnico do território, né, a partir de um fomento de um recurso que é público, né, então é nosso também. E aí no... quando foi aprovada a lei, a gente se reuniu enquanto movimento em prol das periferias, né, que é uma conquista do movimento, pra discutir se o movimento mandaria ou não fomento. Tanto que teve uma discussão nesse sentido e a gente achou que seria interessante que cada território mandasse seu fomento, né, porque talvez como movimento a gente faria um projeto e não complicaria tanto os territórios como a ideia principal da Lei de Fomento. Então, cada território escreveu seu fomento, enviou e a gente pensou em uma ação dentro do projeto, cada território sabia que seu projeto tinha de maior necessidade ou era mais interessante né, mas que uma ação conversasse entre todos os projetos. E aí a gente pensou, a formação sempre foi muito importante dentro dos fóruns, né, a gente tinha um GT dentro do Fórum pra pensar formação. Por que a gente não pensa então uma formação como o carro chefe, carro chefe não, carro comum, o item comum, entre todos os coletivos e a gente pensou na Unidiversidade de Saberes, né. O Soró, mestre Soró, trazia muito isso da universidade popular, né, inclusive ele foi uma das pessoas de extrema importância pra organização do movimento e pro fomento das regiões também. Ele veio aqui na Coragem muitas vezes. A gente tomou muitas cariri com mel ali no bar depois dos encontros do Fórum, né. Então, isso era muito interessante também.

E aí foi criada a Unidiversidade de Saberes, cada região tinha um tema, eu lembro que a Zona Leste ficou com economia, a Norte ficou com comunicação, a Noroeste com território, a Sul eu não me lembro, mas acho que foi educação. A maioria dos projetos foram contemplados, acho que a sul não foi por algum motivo burocrático, se não tô enganada. Mas, mesmo assim falou “vou fazer, vamos fazer a Unidiversidade mesmo assim”. E aí teve um outro projeto da Sul que foi contemplado que foi das meninas da... esqueci o nome agora, da Mara, das bibliotecas, um projeto também que trabalha com literatura, formação de leitores, e aí a galera das bibliotecas se articulavam com a rede de cultura do Campo Limpo pra fazer a Unidiversidade pela Sul. E

foi um processo muito legal porque toda semana a gente tinha formação, numa região, então, a gente permanecia circulando pela cidade, a gente circulou demais pela cidade. E debatendo temas que eram comuns e interessantes pra todos assim, pra gente construir além do que a gente já tinha desenvolvido, né, chamava Unidiversidade de saberes, justamente porque todos os saberes contavam, né, saberes de diversos contatos, então a gente teve mesas com intelectuais, acadêmicos, teve mesas com mestres, teve mesas com pessoas de movimentos, né, com lideranças comunitárias e é uma ideia que a gente anda se coçando aí pra retomar.

COVID! O Fórum eu penso que, como eu falei lá no começo, os movimentos eles passam por ondas, né, tem momentos de muito fortalecimento, muitas ações, efervescência, tem momentos de pausa, de respiro, de necessidades outras, né. Então, acho que com o Fórum não é diferente. Nesse momento a gente tá numa situação assim bem difícil como todas as pessoas, né, principalmente nas quebradas de sobrevivência familiar mesmo assim, né. Mas apesar de isso, de a gente estar com algumas dificuldades pra fazer nossas ações, né, a gente terminou o projeto acho que no ano passado, ou ano retrasado, acho que o ano passado. A gente terminou o projeto no ano passado, que foi um projeto que levou bastante tempo, né, foram dois anos mais as prorrogações, muitas ações, então foi bem cansativo. Então, e é isso assim muitos coletivos compõem o Fórum, mas algumas ações acabam ficando restritas ao GT's, né, enfim, algumas figuras que assumem algumas ações e tal, e rola um desgaste assim, né. Então, às vezes é importante respirar também, até porque acho que uma coisa que a gente tem aprendido na nossa geração, que já tá virando uma geração passada, né, tem hora que eu me sinto velha quando eu vou nas reuniões e jovens, é que a gente precisa respeitar algumas questões assim, né, pra tá na luta, né, pra tá na luta a gente tem que tá vivo, em primeiro lugar, né, tem que ter saúde, então, a questão da saúde mental passou a ser algo também muito refletido, né.

Você falou de perdas, a gente teve perdas. Acho que duas perdas aí, eu vou chorar. [silêncio e respeito a dor]. A gente falou de perdas, e acho que o Fórum passou por duas perdas bem importantes, de pessoas bem importantes do processo, né, a primeira foi o Dani, em 2017, e o Soró no ano passado [2019], né. Então, cada um à sua maneira compôs o Fórum, as ações culturais, as ações políticas. O Dani tinha muita essa coisa da fala, né, acho que no quesito constrangimento ele colaborava bastante, né. E é importante falar que apesar disso, né, tipo do Dani ser bem conhecido por ser bem extrovertido, engraçado, divertido, ele não era só isso assim né. Então, nos debates políticos também, nas articulações, né, às vezes a gente rotula um pouco as pessoas e cria um estereótipo pra ela pessoa daquilo que mais aparece, né, e esquece de ver as subjetividades também, né, entre outras construções também que pessoa possui em si.

Então, eu acho que lembrar do Dani nesse processo é lembrar disso assim, de todos os Danieis que tiveram presentes em muitos momentos e alguns momentos que não quiseram estar também. Então, teve o Dani, e teve o Soró.

O Soró que também acabou adoecendo de outras formas e que, enfim, né, são dores assim que a gente... lembrar também dói, né. Então, a gente se emociona e sente falta e ao mesmo tempo carrega de outras formas, né. No livro do Fórum até a gente fez uma ilustração, a gente queria falar disso, mas não queria escrever e relatar, até porque às vezes as pessoas acabam deixando a situação um pouco mais difícil quando ficam detalhando muito, né, são questões muito doloridas. Então, a maneira que a gente encontrou de homenagear foi fazer uma ilustração que tivesse os cortejos, né, o Fórum fez isso, vários cortejos também. Inclusive fez um na favela da Paz logo no começo, porque aí também tem a relação com a questão da moradia também né, que aí também a gente sempre estava presente em ações dos outros movimentos pra fortalecer. Foi na época que a favela da Paz tava pra ser desabrigada, enfim, aí a gente fez uma ilustração com cortejos e os estandartes, né. Tem o Dani, tem o Bruno, tem o Antônio também. E o Soro tava vivo na época ainda e tem um texto dele no Fórum. Depois eu não sei se é interessante pra vocês, tem um trechinho do texto que acho muito bonito assim.

Porque quando a gente fez o livro, a ideia era registrar essa história, né. A gente às vezes tem muito... gasta muito tempo fazendo as coisas e pouco tempo pra guardar, pra registrar e é isso a nossa memória ela é falha, as pessoas elas vão embora né, quem domina, né, os registros, enfim, acho que hoje tem um... tenho percebido cada vez mais os coletivos de quebrada tão desenvolvendo projetos de memória nos territórios de reconexão com as histórias e tal. Então, eu acho que o livro vem um pouco nesse sentido né, é só um livro, a gente conseguiu guardar algumas memórias ali, a gente dividiu o livro por temas e a gente foi dando esse tema para as pessoas que a gente achava que tem a ver com aquilo né. Eu sei que se a pessoa for... Você lembra da pessoa por causa daquele tipo de pauta, né, ou enfim, de ação, de participação e tal. Então, algumas pessoas escreveram no livro, ou então a gente procurou comtemplar também os artistas, né, com poesias, trabalhar com diversas linguagens dentro do livro, né, o máximo de linguagens que a gente conseguiu. Então, o livro tem poesia, o livro tem músicas, né, composições, o livro tem toadas, o livro tem ilustrações, grafites e tem textos, né, mais narrativos assim sobre momentos, sobre situações. Eu mesmo escrevi um texto falando sobre as mulheres dentro do movimento, né. Porque é isso sempre tem uma meta-luta, né, então, as vezes é movimento social, mas tem suas contradições e é importante que a gente esteja debatendo dentro do movimento, seja as questões étnicos raciais, seja as questões de gênero né.

Que também fazem parte da construção e dessa formação, porque a formação também não é só quando a gente marca uma mesa ou chama uma pessoa, né, ela é nossa troca, né, na discordância, no aprendizado e tal, então o livro tem muito isso e tem o texto do Soró, tem o texto do Soró e tem um texto da galera da Sul porque a gente quis que no livro tivessem presentes os movimentos das outras regiões que fizeram parte da história também, né. **56m24**

Do Fórum o Quilombaqué, o Movimento de Cultura de M'boi Campo Limpo. Era pra tá a Cidade Ademar e Pedreira também; mas o Aurélio tava com problemas tecnológicos na época que não conseguiu ver as nossas mensagens a tempo, né, a gente já falou que no “dois” o Aurélio estará, aí tem um texto muito bonito que o Soró fala no encontro da Quilombaqué com a Zona Leste, né, e é com a Rede Livre Leste ainda. Foi num momento que o Quilombaqué tava pra ser desapropriado por conta da construção do parque linear, então tava acontecendo um movimento chamado “Fica Quilombaqué”. E dentro das nossas ações a gente foi fazer um cortejo lá com eles, e aí partir desse cortejo a gente criou uma relação com o Quilombaqué que se fortalece durante o Fórum. E ai a gente realmente estabelece laços mais firmes, e ai o Soró fala isso e depois eu posso ler esse trecho. **57m15**

E o quê que era outra coisa? O COVID! Então, voltando a falar do COVID, acho que mudei totalmente de assunto, não é isso? Eu tava falando que assim o Fórum ele tá no momento de que... a gente não tá fazendo ações, né, como a gente estava. Durante o projeto a gente fez muitas ações: a gente fez uma semana de formação política; a gente fazia formações mensais né, pelo menos uma formação por mês; depois a gente fez uma semana de formação política, que foi uma semana inteira de formação, a gente fez duas mostras, né, que foi a 2ª Mostras da Cultural das Periferias; e depois a terceira que foi o encerramento, a gente publicou um livro. Então, cada ação dessa dá muito trabalho, né, a gente sempre aqui dentro fala assim “meu, tem três projetos dentro desse projeto”, né. Quando a gente for escrever o próximo a gente fala “nós vamos diminuir as ações”, só que a gente vai e bota mais um monte e ação, até porque é raro ter recurso pra fazer, então quando tem a gente aproveita e tenta fazer o máximo. Então, foi um processo bem cansativo, né, gerir um projeto de dois anos, quando você chega no final cê tá esgotado assim, porque são muitas demandas, fora as outras demandas que surgem, né.

Então, acho que depois do projeto a gente precisou dar um respiro mesmo e aí por isso entrei nessa questão de que às vezes a gente tá muito afoito na luta e não percebe questões, né, que fazem parte do indivíduo, não pensando no indivíduo na forma capitalista, né, mas enquanto ser humano mesmo, que tem as suas questões, que tem a sua família, né, as suas sociabilidades.

E aí entrei na questão da saúde mental porque é isso, né, porque a gente perde pessoas jovens né? Será que se tivesse, houvesse mais atenção, né, pra si ou pros outros a gente não viveria mais né? Porque a sociedade já tem uma série de mecanismos pra eliminar corpos né, principalmente corpos negros.

Então pensar na saúde mental é pensar na vida né, desses sujeitos periféricos que tão atuando e que precisam estar bem pra trocar ideia, pra se reunir, pra compor, pra cantar. Ao mesmo tempo em que isso também alimenta essa saúde mental, mas tem muitas coisas que são pesadas, né, quando você faz parte de movimento, de organização social, são muitos enfrentamentos. E a própria saúde física, né, o caso do Soró se a gente pensar, ele não era um cara idoso, acho que ele tinha 56 anos, não tinha 60 anos ainda, né. Então, mas é isso, né, é uma caminhada de luta, e às vezes a gente esquece de olhar pra gente mesmo. E eu acho que essa geração de agora assim e a nossa nessa rabeira tá passando a perceber um pouco isso, né, de respeitar também e de que não é parar de fazer as ações, né, mas é de respeitar os tempos, nem todo tempo a gente precisa estar no 220 né, as vezes é 110 ali, entendeu? Às vezes é uma lampadazinha, não precisa tá no holofote né.

E aí eu entro no COVID, porque embora a gente não esteja fazendo ações pontuais, já não estava fazendo antes do COVID, a não ser alguns encontros, esse momento é o momento em que a galera tá fazendo distribuição de cesta básica, doando tecido, costurando máscara, né, tá fazendo *lives*. O pessoal tá muito atuante, a galera de Ermelino lá da ocupação, fortaleceu vários grupos, né, vários coletivos. Então, é isso assim quem tá melhor organizado não deixa o outro cai né, porque tem uma hora que tá mais difícil aqui pô esse aqui pega, daqui há pouco tá mais difícil aqui, aí troca. Então eu acho que a gente tá vivendo um pouco isso assim: a quebrada são sempre as nossas pautas né, periferia defendendo o óbvio, é nós por nós, né, acho que o nós por nós se revelou ainda mais presente na pandemia porque são os próprios periféricos que tão se fortalecendo. E pra gente que é da cultura querides, o quê que a gente faz se não pode se aglomerar né? Então, como é que a gente faz um sarau, como a gente faz uma noite do coco? Semente Crioula tá se organizando aí pra noite do Coco Online, né, sofrendo muito.

O que os grupos que cultura tradicional podem fazer nesse momento? A roda de jongo não dá. Cortejo não tem como. Isso interfere também na economia, na vida das pessoas né, no sustento, né. Então, eu acho que nesse momento deve estar todo mundo muito preocupado de lidar com essas questões básicas, é óbvio que a cultura também é uma questão básica, mas é isso, se a gente não comer a gente não canta, não toca violão, não dança, não pinta e não borda. Então,

eu acho que nesse momento mais do que nunca o Fórum de mantém nas ações do cotidiano, né, acho que a gente tem se mantido nas ações do cotidiano na medida em que tá sendo possível, mas também com desejo de rearticular algumas coisas, né, como a gente fazia antes, assim que for possível.

Esse logo aqui é uma Adinkra, Adinkra africana né, que são grafismos que tem significados. Quando eu cheguei eu não sei se você percebeu que eu tava no celular direto, porque eu tô com isso na cabeça desde ontem: “meu, o quê significa mesmo o logo? O quê significa mesmo o logo?” Ele... Eu não lembro exatamente o que significa, mas tem a ver com prato. Eu posso mandar pra vocês depois que a gente tem isso direitinho, que é tipo um prato que pode ser compartilhado por todos ou todos estão com a mão no prato, ou alguma coisa assim. Tem a ver com essa questão comunitária mesmo, coletiva.

Renata CPDOC: E do compartilhamento!

Queila Rodrigues FCZL: E do compartilhamento, exatamente! Se eu como, você também vai comer! É tipo isso! Mais ou menos isso. Cara assim, obviamente que a gente tem algumas referências, mas o Fórum ele sempre foi muito avesso a eleger figuras assim sabe, quando até quando falei assim “ah, a gente não se chama de representante, a gente se chama de articulador” né, porque a gente sempre ou veio de organizações ou conhece de algumas organizações que tem lá uma figura x, que realmente, muitas às vezes, é importante para o coletivo, mas que acaba ficando muito, é... não tô encontrando a palavra, ficando muito centralizada ali naquela figura, como se só aquela figura pudesse falar, responder ou trazer coisas importantes pro Fórum. E a gente sempre pensou nessa ideia da pluralidade né. Como o Fórum ele é composto por muita gente diferente, por culturas diversas dentro da mesma cultura periférica, então as referencias para nós são várias pessoas, né, que vai desde a mestra Soraia, por exemplo, quando ela vem numa mesa aqui e fala como é ser mulher dentro das tradições né. Como o Soro, que tem uma história de luta social, tipo, organizada de uma forma mais comum aos movimentos, né. Porque se a gente pensar as organizações de terreiro também são organizações sociais, né, tem suas formas de... de, suas estratégias de sobrevivência e de articulação e tal. Então, eu não sei se a gente teria muitas referencias assim para dar nomes, sabe? Eu acho que tem pessoas muito atuantes assim dentro do Fórum, se a gente pensar no Marcelo, por exemplo, do Coletivo Alma, na Elaine Mineiro, no Aloisio, no Pablo, na Mônica, cada um de um coletivo, né, mas que acabou sendo linha de frente em muitos momentos, pensando aqui na Leste, né, porque tem as outras regiões também né.

E uma coisa que a gente também preza muito é o relacionamento com os mais velhos. Então, durante os nossos encontros, a gente também sempre procurou trazer também pessoas de movimentos e organizações de gerações anteriores às nossas, né, pra que a gente pudesse também aprender, como a Ana Rita, por exemplo, lá do MOCUTI, do movimento cultural lá da Cidade Tiradentes, que quando eu tava nascendo ele já tava existindo, né. Então, é aprender com essas pessoas que a gente vai encontrando, né, enfim, esses lugares todos.

Eu não lembro bem dessa questão de como se definiu que seria Fórum, né, mas acho que tem a ver muito com a ideia de participação mesmo né, tipo de participar dessa construção dessas políticas, enfim, de atuação, tem a ver com a ideia de atuação. E o Fórum, que nasce em 2013, ele se modifica muito ao longo do tempo, né, vai amadurecendo também em alguns aspectos. Então, algumas mudanças de concepção, enfim, pessoas novas entram, pessoas saem, pessoas voltam. A gente tem as formações, né, vai estudando, vai aprendendo e vai vivendo, né, vivenciando as coisas. Acho que tem um amadurecimento nesse sentido.

Com relação a outras organizações, assim, pra gente é muito tranquilo, porque o Fórum de Cultura da Zona Leste não se pretende ser o único representante da quebrada, né, da ZL. A ZL é imensa, a gente tava conversando agora pouco assim: “pô, para ir pra Sapopemba se eu tiver daqui é mó rolê, pra ir pra São Miguel” né. Então, a leste tem muitas lESTES dentro de si, tem várias maneiras de se organizar. A gente, nem se a gente quisesse a gente daria conta de responder né por toda região. A gente acha importante ter outras organizações na Zona Leste também, obviamente que existem divergências e concordâncias, isso é comum, né, pelo menos deveria ser. A gente já recebeu muitas críticas assim, a gente tem até uns prints aí. (risos). Eu guardo, viu gente, guardo prova. De que o Fórum, quando a gente ganhou o fomento, por exemplo, de que o Fórum não existia, de que não tinha ata, onde que estava esse Fórum, né. Então, assim eu acho que às vezes a visão é mais de fora do que nossa, né, a gente tá preocupado em fazer o que a gente se propôs a fazer que é se articular enquanto coletivos, que é pautar política para as periferias. Inclusive muita gente que falou mal da gente tá fazendo projeto pra Lei de Fomento, e é pra tá mesmo, porque o fomento é pra cidade né, desde que você seja um coletivo periférico, que tenha 3 anos de atuação e comprove atuação e residência na periferia e tenha um projeto bacana, né, a ideia da lei é essa. Então, acho que a gente se preocupa bem pouco com isso assim, nossa ideia é mais continuar se articulando e mantendo o que a gente conseguiu construir até então, né. Um pouco isso assim.

Bom, esse é o livro do Fórum (mostra o livro). “O Fórum de Cultura da Zona Leste: Nem um passo atrás”, eu quero é mais. Esse livro foi feito durante o projeto, né, do Fórum de Cultura da Zona Leste que foi aprovado na primeira edição da Lei de Fomento, como eu falei, a gente fez diversas ações e o livro foi a última ação, foi o registro final, ele foi organizado por mim, pela Elaine Mineiro e pela Mônica Gomes, mas tem a participação de todos os integrantes que tavam no projeto do Fórum e ele tem, eu acho que eu já falei isso, ele tem vários textos. Acho que um texto legal para falar é o texto sobre o Voz da Leste, né, que o Marcelo escreveu porque o Voz da Leste foi um jornal comunitário desenvolvido por um coletivo, que tem algumas pessoas envolvidas do Itaim Paulista, mas, é um coletivo que serpenteia pela cidade, porque várias pessoas escreviam pra Voz da Leste, que eram colaboradoras, né. E foi uma ferramenta muito importante pra gente se articular, né, porque tudo aquilo que a gente precisa compartilhar, em alguma medida, alguma denúncia, algum protesto alguma agenda, alguma coisa legal, também, a gente tinha o espaço do Voz da Leste, né, pra fazer isso assim. Então, eu acho que foi um projeto que retroalimentava o Fórum, né, e aqui tem um pouco sobre isso. Tem um texto lindo da Elaine mais poético que ela fala sobre a boniteza também dessa construção e isso assim de se organizar e de olhar pra trás e ver as coisas que aconteceram e que tão acontecendo em função do Fórum. Tem muita gente legal que passou, pelas nossas ações, tem muito lugar legal que a gente foi, fizemos muitas batalhas. E aí tem um texto aqui do Soró, tô procurando. Ah, tá, tem os manifestos que o Tiarajú ele analisa os manifestos, a gente tem três manifestos aqui que é o “Manifesto Policêntrico” da Rede Livre Leste, que foi lá quando a gente, né, como grupo dos jovens questionando, a gente levanta uma série de pautas e é de 2010 eu acho esse manifesto. E aí depois a gente tem o “Manifesto Periférico Pela Lei de Fomento à Periferia”, que tem um pouco da definição do que a gente entende por periferia, né, fala bastante da lei e é um manifesto mais voltado à lei. E aí a gente já percebe um amadurecimento também se a gente ver os dois manifestos, eles se conversam, em muitos pontos, mas já tem a maturidade da caminhada mesmo dos grupos, né, e dos encontros. Tem esse outro que é o “Manifesto dos Coletivos Periféricos em apoio a Dilma Rousseff”, não é um manifesto do Fórum é um manifesto de coletivos, que a gente assina e publica também né, que foi na última eleição dela e já tava acontecendo alguns boicotes a ela, anteriores ao impeachment. E aí os coletivos de periferia acharam importante fazer um apoio crítico e até acho que é o gancho pra dizer que eu citei algumas situações, né, que a gente passou, com o governo da época, com a secretaria da época, em relação às muitas dificuldades que teve mesmo pra dialogar, mesmo pra pautas sendo reconhecidas como importantes, pra ver as pautas sendo efetivamente realizadas, enfim, dentro

dos processos e do tempo e do que fosse necessário. É... Isso não quer dizer que estejamos contentes com o governo atual, pelo contrário, se já não tava bom, conseguiu ficar pior, né. Estamos vivendo um momento muito delicado, muito delicado mesmo, mas os movimentos eles não são os governos, né, eles são os movimentos, eles não tão aqui pra fica pagando pau pra governo, babando ovo, nunca foi a nossa.

Então, o movimento faz papel de movimento independente de governo que tiver, não é porque a gente tá criticando um ruim que a gente tá reconhecendo o outro como bom e etc. Eu acho que serve pra gente fechar a cachola e pensar, que mesmo quando o governo é mais progressista, a periferia ainda é o último lugar para onde eles olham, a não ser quando tá chegando ali prestes a começar o ano eleitoral, né gente, que aí todo mundo gosta de nós, vem pra cá, caso contrário é isso, né. Mas estamos aí, não só o Fórum de Cultura da Zona Leste, como outros movimentos de cultura e movimentos sociais em geral pautando porque é onde, é o lugar que nos cabe. E agora vou achar o texto do Soró, tem vários textos da galera da leste que eu poderia ler, mas, eu vou ler um trechinho do texto dele em homenagem a ele, e também porque, ele fala pouco sobre... tem que olhar aqui... Ele fala um pouco sobre o encontro, né, das regiões da Zona Oeste com a Leste. E eu acho que esse encontro ele tem a ver também com esse fortalecimento das periferias, não basta a gente ser periferia isolada aqui, do lado de cá, que a gente tá articulado com as outras periferias que vivem as mesmas situações que a gente e fortalece a todas nós. Inclusive é legal que o nome do texto dele é o nome do projeto da rede lá, ele pega emprestado o nome do projeto da rede pra escrever o texto dele, chama: “Nossa teórica é a prática” o texto, mas eu vou ler só um pedacinho. Ele tá falando sobre o dia do cortejo, né, que a gente fez pelo Fica Quilombaqué;

Leitura do texto:

“.../daquele jeito, no meio da quebrada, com chuva e energia no gato, teve de tudo. Ciranda, maracatu, teatro, samba, circo, poesias, brincadeira. Se quiséssemos resistir e enfrentar precisávamos ter força e para isso tínhamos que ocupar todas as ruas, praças serviços no bairro e na região. Por muitos meses e dezenas de atividades em lugares, grupos e coletivos se seguiram. Mas esse dia, com um movimento de disposição forjou tudo que nós somos e o que fazemos na cidade, solidariedade ativa, generosidade, firmeza, disposição, dança, batuques, coragens, chuva, dificuldades, criatividade parece que se derreteram, misturaram-se e forjaram uma única peça, uma lança.

Conto essa história e longa introdução para ilustrar o momento criador e as fibras do qual são feitas e fazem nascer iniciativas impressionantes e potentes como o Fórum de Cultura da Zona Leste em 2013.

Acontecimentos dessa magnitude, mesmo cada um indo para o seu lado, não importa a distância, [choro] sempre seremos um e cada um é portador daquilo que forjamos naquele momento”.

Queila Rodrigues: É isso aí gente, a gente é ponta de lança. [Aplausos].

Queila Rodrigues: Eu sou chorona gente.